

<https://doi.org/10.31533/pubvet.v19n07e1810>

Doença articular degenerativa em felinos: relato de caso e abordagens terapêuticas multimodais

Larissa Costa Garcia¹  

Medicina Veterinária – Universitário Centro Universitário Fam, São Paulo, Brasil *e-mail: lari.costa3000@gmail.com

Resumo. A Doença Articular Degenerativa (DAD) é uma condição progressiva que acomete felinos com frequência, sendo muitas vezes subdiagnosticada devido à natureza sutil dos sinais clínicos e à tendência dos gatos em mascararem a dor. Este trabalho tem como objetivo revisar os principais aspectos relacionados à DAD em felinos, abordando etiologia, fisiopatologia, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento, além de relatar o caso clínico de uma paciente felina jovem com osteoartrite lombos-sacra. O relato reforça a importância da avaliação comportamental e da interpretação de alterações discretas, como lambedura excessiva e relutância para saltar, que podem indicar dor crônica. A abordagem terapêutica multimodal, composta por analgésicos, anti-inflamatórios, condroprotetores e modificações ambientais, resultou em melhora significativa na qualidade de vida da paciente. Os achados ressaltam a relevância do diagnóstico precoce da DAD, mesmo em animais jovens, e a necessidade de condutas terapêuticas individualizadas e contínuas no manejo da dor crônica em felinos.

Palavras-chave: Dor crônica, felino, gabapentina, osteoartrite

Degenerative joint disease in felines: case report and multimodal therapeutic approaches

Abstract. Degenerative Joint Disease (DJD) is a progressive and often underdiagnosed condition in felines, primarily due to the subtlety of clinical signs and the species' natural tendency to mask pain. This article aims to review the main aspects of DJD in cats, including its etiology, pathophysiology, clinical signs, diagnosis and treatment, as well as to present a case report of a young feline patient diagnosed with lumbosacral osteoarthritis. The clinical case reinforces the importance of behavioral assessment and the careful interpretation of subtle pain indicators, such as excessive licking and reluctance to jump. The multimodal therapeutic approach—consisting of anti-inflammatory drugs, analgesics, chondroprotective agents, and environmental modifications—resulted in a significant improvement to the patient's quality of life. This study underscores the relevance of early detection of DJD, even in non-geriatric cats, and emphasizes the necessity for individualized and continuous strategies for managing chronic pain in felines.

Keywords: Degenerative joint disease, chronic pain, cat, gabapentin, osteoarthritis.

Introdução

A Doença Articular Degenerativa (DAD) tem sido progressivamente mais reconhecida na medicina felina como uma condição de alta prevalência e impacto clínico, especialmente em animais de meia-idade a idosos. Considerada atualmente a principal causa de dor crônica em gatos, essa enfermidade compromete significativamente a qualidade de vida, muitas vezes de forma silenciosa e subestimada (Lascelles & Robertson, 2010; Monteiro & Lascelles, 2017c). A partir dessa crescente valorização clínica, os modelos terapêuticos disponíveis, assim como os protocolos de analgesia multimodal para

dor crônica, passaram a ter como principal foco a abordagem da DAD ([Epstein, 2015](#); [Mathews et al., 2015](#)).

O termo DAD é frequentemente utilizado como sinônimo de Osteoartrite (OA). Entretanto, trata-se de um conceito mais amplo, que inclui todas as alterações degenerativas das articulações, sinoviais ou não. Dessa forma, a DAD abrange não apenas a OA, mas também espondiloses, ente softos e mineralizações de tecidos moles, como meniscos e ligamentos ([Clarke & Bennett, 2006](#); [Voss & Langley-Hobbs, 2009](#)). Do ponto de vista patológico, a OA é caracterizada por processos degenerativos progressivos na cartilagem articular, formação de osteófitos marginais, esclerose subcondral e inflamação sinovial secundária ([Gaynor & Muir, 2009](#); [Hardie et al., 2002](#)).

Clinicamente, a OA apresenta evolução lenta, com sinais como dor, rigidez e limitação de movimento ([Cruz, 2023](#); [Mele, 2007](#)). No entanto, em gatos, essas manifestações são geralmente discretas, o que dificulta a detecção precoce. Em vez de claudicação evidente, como ocorre em cães, os felinos costumam demonstrar alterações comportamentais sutis — incluindo menor interação com tutores, relutância em saltar, lambedura excessiva em regiões específicas ou eliminação fora da caixa de areia — sintomas frequentemente confundidos com mudanças relacionadas ao envelhecimento ([Bennett et al., 2012a](#); [Sparkes et al., 2010](#); [Vogt et al., 2010](#)).

Estudos populacionais demonstram que a prevalência da DAD em felinos pode variar de 20% a 90%, dependendo da faixa etária avaliada e do método diagnóstico utilizado ([Clarke et al., 2005](#); [Godfrey, 2011](#)). Um levantamento de destaque identificou que aproximadamente 90% dos gatos com mais de 12 anos apresentavam sinais radiográficos de alterações articulares degenerativas, embora apenas 4% desses animais tivessem alguma anotação clínica compatível com essa condição nos prontuários médicos — evidenciando a subnotificação e o subdiagnóstico da doença ([Lascelles & Robertson, 2010](#)).

Apesar dos avanços no conhecimento sobre a DAD em felinos, ainda existem desafios importantes na prática clínica, especialmente em relação à identificação precoce, abordagem diagnóstica adequada e escolha terapêutica individualizada. O reconhecimento dos sinais clínicos e comportamentais específicos da espécie é fundamental para garantir qualidade de vida aos pacientes felinos e orientar os tutores sobre a importância do acompanhamento contínuo ([Epstein, 2015](#); [Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b](#)).

Nesse contexto, estudos que reúnem revisão bibliográfica atualizada e relatos de caso clínico contribuem significativamente para a formação de profissionais mais preparados para lidar com essa realidade. Assim, o presente trabalho tem como objetivo revisar os principais aspectos da Doença Articular Degenerativa em felinos — incluindo etiologia, manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento — complementando com o relato de caso de uma fêmea felina diagnosticada com DAD, a fim de ilustrar, na prática, os desafios e estratégias de manejo desta condição complexa e frequentemente negligenciada.

Relato de caso

Uma gata, sem raça definida (SRD), fêmea, três anos de idade, pesando seis kg e com escore de condição corporal indicativo de sobrepeso, foi atendida com queixa de dor à manipulação, relutância para saltar e lambedura excessiva na região lombos-sacra. De acordo com a tutora, os sinais surgiram gradualmente, com piora progressiva nas semanas anteriores à consulta. No exame físico geral e ortopédico, observou-se hipersensibilidade à palpação da região lombos-sacra, sem sinais evidentes de claudicação nos membros pélvicos. Diante da suspeita de doença articular, foi solicitado exame radiográfico da coluna lombos-sacra, que evidenciou alterações compatíveis com osteoartrite felina. O hemograma apresentou resultados dentro dos limites normais.

Considerando o quadro clínico e os achados radiográficos, foi instituído protocolo terapêutico inicial com meloxicam via oral, na dose de 0,05 mg/kg uma vez ao dia (SID) por sete dias, associado a dipirona 25 mg/kg SID e tramadol 2 mg/kg duas vezes ao dia (BID), ambos por cinco dias, com o objetivo de controlar a dor inflamatória e nociceptiva enquanto aguardava-se a manipulação da gabapentina. O uso do meloxicam foi fundamental nos primeiros dias, promovendo alívio sintomático significativo. Com a chegada da gabapentina manipulada, esta foi introduzida na dose de 5 mg/kg BID e, posteriormente, associada à suplementação oral com condroprotetores (ArthroTabs®). A paciente apresentou resposta

clínica satisfatória, com retorno gradual às atividades habituais, desaparecimento da lambedura compulsiva e melhora significativa na qualidade de vida.

Discussão

A Doença Articular Degenerativa (DAD) em felinos, apesar de sua alta prevalência, apresenta desafios diagnósticos devido às manifestações clínicas muitas vezes discretas e pouco específicas (Bennett et al., 2012a; Sparkes et al., 2010). No caso apresentado, os sinais principais foram dor à manipulação, relutância para saltar e lambedura excessiva, comportamentos que podem ser facilmente confundidos com alterações comportamentais relacionadas ao envelhecimento ou estresse (Clarke & Bennett, 2006). A ausência de claudicação evidente, comum em cães, reforça a necessidade de avaliação cuidadosa e detalhada em felinos (Monteiro & Lascelles, 2017b, 2017c).

A confirmação diagnóstica por meio de radiografia da região lombos-sacra foi essencial, evidenciando alterações compatíveis com osteoartrite felina, conforme descrito em estudos que ressaltam a importância da imagem radiográfica para identificar alterações degenerativas articulares (Godfrey, 2011; Voss & Langley-Hobbs, 2009). A ausência de alterações hematológicas reforçou a natureza crônica e não infecciosa da doença.

O protocolo terapêutico adotado seguiu recomendações atuais para o manejo da dor em gatos com DAD, utilizando anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), analgésicos adjuvantes e condroprotetores (Epstein, 2015; Mathews et al., 2015) (Tabela 1). O uso inicial do meloxicam foi fundamental para controle da dor inflamatória, seguido da introdução da gabapentina, que atua no controle da dor neuropática, frequentemente presente na DAD felina (Lascelles & Robertson, 2010). A associação com condroprotetores contribuiu para a manutenção da integridade articular e melhora da função.

Tabela 1. Resumo técnico para diagnóstico e manejo da Doença Degenerativa Articular (DAD) em felinos

Etapa	Aspectos-chave	Ferramentas / Exemplos
1. Anamnese	Mudanças sutis de comportamento, dificuldade de locomoção, intolerância a pulo, agressividade ao toque.	Questionários validados (p.ex., <i>Feline Musculoskeletal Pain Index</i>).
2. Exame físico	Palpação articular para dor/espessamento, amplitude de movimento, crepitação.	Avaliação de todas as articulações, principalmente coxofemoral, joelho e cotovelo.
3. Diagnóstico por imagem	Identificação de alterações degenerativas.	Radiografia, ultrassom, eventualmente tomografia/ressonância.
4. Avaliação funcional	Impacto na qualidade de vida e mobilidade.	Escalas de dor crônica, observação de movimentação em ambiente controlado.
5. Tratamento multimodal	Analgésicos, anti-inflamatórios, condroprotetores, fisioterapia, manejo ambiental.	Uso cauteloso de AINEs, gabapentinoides, suplementação com glicosamina/condroitina.
6. Manejo ambiental	Adaptação do ambiente para reduzir esforço articular.	Rampas, caixas de areia de borda baixa, pontos de alimentação acessíveis.
7. Monitoramento	Reavaliação periódica para ajuste terapêutico.	Intervalos de 1 a 3 meses conforme evolução clínica.

A resposta clínica satisfatória observada reforça a importância da abordagem multimodal e individualizada no manejo da DAD em gatos, destacando a necessidade de acompanhamento contínuo para ajuste terapêutico e monitoramento da qualidade de vida (Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b).

Este relato evidencia a importância de reconhecer sinais clínicos sutis da DAD em felinos e implementar protocolos de manejo adequados, contribuindo para o aprimoramento da prática clínica e bem-estar dos pacientes.

Fisiopatologia da doença articular degenerativa de felinos

A Doença Articular Degenerativa (DAD) é um processo crônico e progressivo que afeta as articulações, caracterizado pela degradação da cartilagem hialina que reveste as superfícies articulares, com consequente exposição do osso subcondral (Bennett et al., 2012a; Monteiro & Lascelles, 2017a, 2017b, 2017c). Essa degeneração desencadeia uma série de alterações biomecânicas que levam ao aumento do

estresse nas estruturas articulares, resultando na formação de osteófitos (projeções ósseas que tentam estabilizar a articulação) e no desenvolvimento de inflamação sinovial secundária (Godfrey, 2011).

Em gatos, a DAD envolve não só essas alterações clássicas, mas também fenômenos menos evidentes, como mineralização de tecidos moles periarticulares, presença de espondiloses e entesófitos, que contribuem para a dor e a disfunção articular (Bennett et al., 2012a; Sparkes et al., 2010). A inflamação, embora muitas vezes discreta, é responsável pela liberação de mediadores químicos pró-inflamatórios que potencializam a dor e promovem a degeneração contínua da cartilagem (Epstein, 2015).

As articulações mais comumente afetadas em felinos são a coluna lombos-sacra, quadris, ombros e joelhos, com a região lombos-sacra sendo frequentemente relatada como uma área de comprometimento significativo (Voss & Langley-Hobbs, 2009). Essa localização é especialmente relevante, pois pode estar associada a uma dor neuropática causada pela irritação dos nervos espinhais adjacentes às lesões articulares degenerativas (Lascelles & Robertson, 2010). A manifestação dessa dor neuropática pode explicar sintomas comportamentais como a lambedura excessiva observada no paciente, que é considerada uma resposta à dor crônica neuropática e um comportamento de autocontrole da dor (Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b). Além disso, a fisiopatologia da DAD em felinos apresenta peculiaridades em comparação a outras espécies, como os cães, devido à sua capacidade de mascarar a dor e a menor expressão dos sinais clínicos típicos. A baixa inflamabilidade das articulações felinas e o menor grau de inchaço articular dificultam ainda mais a identificação precoce da doença, permitindo que o processo degenerativo avance de forma silenciosa até estágios avançados (Clarke et al., 2005; Clarke & Bennett, 2006).

Sinais clínicos e dificuldades no diagnóstico

A apresentação clínica da Doença Articular Degenerativa em gatos é notoriamente sutil, o que representa um grande desafio para o diagnóstico precoce (Bennet et al., 2012). Ao contrário dos cães, que frequentemente apresentam sinais claros como claudicação e alterações evidentes na marcha, os gatos geralmente exibem alterações comportamentais discretas, que são facilmente confundidas com comportamentos normais do envelhecimento ou com alterações emocionais (Sparkes et al., 2010).

Entre os sinais clínicos mais comuns estão a diminuição da atividade física, relutância ou dificuldade em saltar e subir em móveis, isolamento social, alterações no padrão de sono e vocalizações ao serem manipulados (Clarke & Bennett, 2006). Além disso, a lambedura excessiva de áreas específicas, como a região lombos-sacra no caso de floquinho, pode ser um indicativo de dor crônica neuropática, que é frequentemente subestimada (Lascelles & Robertson, 2010). Outras manifestações incluem a diminuição da higiene pessoal, levando ao aspecto desleixado do pelo, e episódios de agressividade relacionados ao desconforto articular (Monteiro & Lascelles, 2017a).

Essa sutilidade nos sinais clínicos, combinada com a tendência natural dos felinos de mascarar a dor, contribui para a subnotificação da DAD em ambientes clínicos, mesmo em pacientes idosos (Godfrey, 2011). Estudos radiográficos indicam que a prevalência da DAD em gatos idosos pode chegar a até 90%, enquanto a taxa de diagnóstico clínico permanece muito inferior, o que evidencia a necessidade de maior atenção e métodos diagnósticos complementares (Voss & Langley-Hobbs, 2009).

O diagnóstico clínico baseia-se em uma anamnese detalhada, exame físico minucioso e exames complementares, com destaque para a radiografia, que permite identificar alterações típicas como estreitamento do espaço articular, osteófitos e esclerose subcondral (Epstein, 2015). No entanto, a ausência de alterações radiográficas não exclui a DAD, especialmente em estágios iniciais, o que ressalta a importância da avaliação clínica detalhada e da consideração dos sinais comportamentais (Mathews et al., 2015).

O caso de Floquinho ilustra esses desafios, uma vez que os sinais apresentados foram sutis e facilmente confundidos com alterações comportamentais normais, ressaltando a importância do conhecimento específico da doença para o diagnóstico e manejo eficaz (Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b).

Métodos diagnósticos

O diagnóstico da Doença Articular Degenerativa (DAD) em felinos baseia-se em uma abordagem multidisciplinar que envolve uma anamnese detalhada, exame físico minucioso e exames

complementares de imagem (Bennett, 2012; Sparkes et al., 2010). Devido à natureza sutil dos sinais clínicos nos gatos, que frequentemente mascaram a dor por instinto, a avaliação clínica deve incluir a observação de alterações comportamentais, como redução da atividade, relutância para saltar, mudança nos hábitos de higiene e isolamento social (Clarke & Bennett, 2006; Monteiro et al., 2023; Monteiro & Lascelles, 2017b).

A radiografia é o método diagnóstico mais utilizado e acessível na prática veterinária, possibilitando a visualização de alterações típicas da DAD, como osteófitos, estreitamento do espaço articular, esclerose subcondral e mineralização periarticular (Godfrey, 2011; Voss & Langley-Hobbs, 2009). No entanto, em fases iniciais da doença, essas alterações podem ser discretas ou ausentes, o que torna essencial a correlação com o exame clínico detalhado para a confirmação diagnóstica (Epstein, 2015). No caso relatado, o exame radiográfico evidenciou alterações sugestivas de osteoartrite na região lombos-sacra, reforçando a importância da imagem associada aos sinais clínicos.

Além da radiografia, outras técnicas de imagem, como tomografia computadorizada (TC) e ressonância magnética (RM), podem ser utilizadas para casos mais complexos, permitindo melhor avaliação das estruturas ósseas e tecidos moles, respectivamente, e identificação de lesões que não são visíveis em radiografias convencionais (Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b). A termografia também tem sido estudada como ferramenta auxiliar para detectar áreas inflamadas e alterações térmicas associadas à dor articular, embora seu uso ainda seja restrito na rotina clínica (Lascelles & Robertson, 2010).

Ferramentas clínicas como o *Feline Musculoskeletal Pain Index* (FMPI) vêm sendo aplicadas para auxiliar na identificação e monitoramento da dor em gatos com DAD, promovendo uma avaliação mais objetiva do impacto da doença na qualidade de vida (Mathews et al., 2015). Portanto, o diagnóstico da DAD em felinos depende da integração dos dados clínicos, comportamentais e de imagem, possibilitando uma abordagem terapêutica mais adequada e individualizada.

No contexto da avaliação da dor crônica associada à Doença Articular Degenerativa, a utilização de ferramentas objetivas como a *Feline Grimace Scale* (Escala de Expressão Facial de Dor em Gatos), desenvolvida por Evangelista et al. (2019), pode ser de grande valia, especialmente em pacientes com sinais sutis. Essa escala analisa cinco unidades de ação facial (orelhas, olhos, focinho, bigodes e posição da cabeça), classificando cada uma com escores de 0 a 2. A presença de escores mais altos pode indicar dor significativa, contribuindo para decisões terapêuticas. A figura 1 ilustra a aplicação clínica da escala.

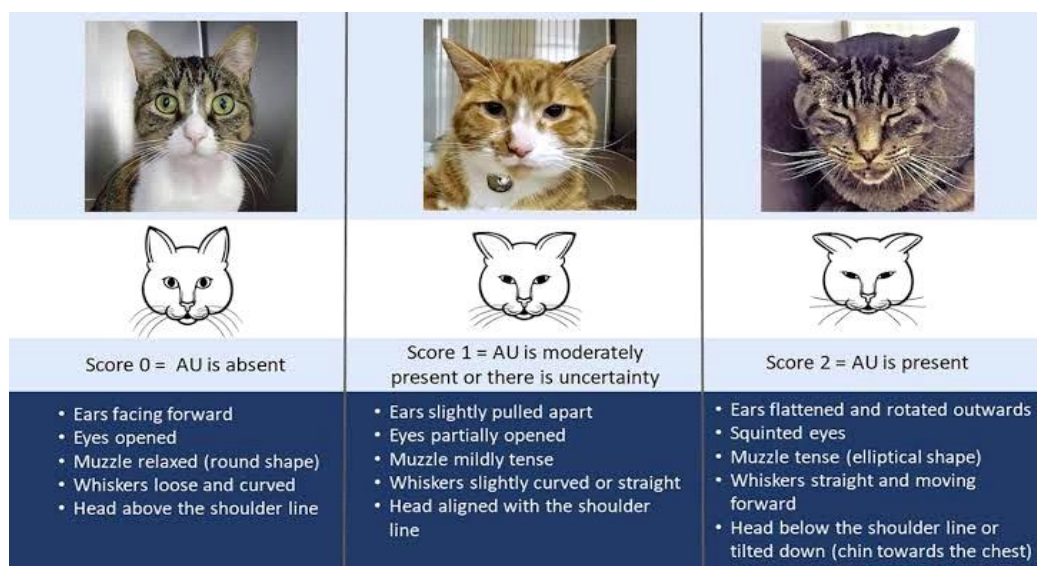


Figura 1. Escala de expressão facial de dor em felinos (Feline Grimace Scale). **Fonte:** Evangelista et al. (2019).

Tratamento da doença articular degenerativa

O tratamento da Doença Articular Degenerativa (DAD) em felinos deve ser estruturado de forma multimodal, com o objetivo de controlar a dor, melhorar a função articular e proporcionar qualidade de vida ao paciente. A seleção das intervenções terapêuticas deve ser individualizada, considerando a fase

da doença, as comorbidades, a resposta clínica e o comportamento específico de cada animal ([Epstein, 2015](#); [Mathews et al., 2015](#); [Monteiro & Troncy, 2017b](#)).

Analgésicos e moduladores neuropáticos

O controle da dor é o principal objetivo terapêutico. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), como o meloxicam e o robenacoxibe, são amplamente utilizados para o alívio da dor inflamatória. No entanto, seu uso em felinos exige monitoramento rigoroso, principalmente em animais geriátricos ou com risco renal ([Lascelles & Robertson, 2010](#); [Sparkes et al., 2010](#)).

A gabapentina tem se mostrado eficaz no controle da dor crônica com componente neuropático, muito comum na DAD felina. A dose geralmente recomendada varia de 5 a 10 mg/kg, administrada uma a duas vezes ao dia, conforme a resposta clínica e tolerância do animal ([Lascelles & Robertson, 2010](#); [Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b](#)).

O tramadol é um analgésico de ação central, com efeito agonista fraco nos receptores opioides μ , que tem sido utilizado como parte do tratamento da dor crônica em felinos, incluindo em casos de Doença Articular Degenerativa. Embora sua eficácia em gatos seja considerada variável, especialmente pela limitada conversão hepática ao metabólito ativo (M1), ele pode ser uma opção viável dentro de protocolos de analgesia multimodal, principalmente quando os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) não são indicados ([Epstein, 2015](#); [Monteiro & Lascelles, 2017b, 2017c](#)). Os efeitos adversos mais comuns incluem salivação, sedação e agitação, sendo fundamental a monitorização individualizada da resposta ao tratamento ([Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b](#)).

Condroprotetores

Os condroprotetores orais, como glucosamina, sulfato de condroitina e colágeno tipo II não desnaturado, são indicados como agentes modificadores da doença articular. Embora sua eficácia ainda seja debatida, há evidências de que o uso contínuo pode melhorar a mobilidade, reduzir o uso de analgésicos e preservar a cartilagem articular ([Bennett et al., 2012a](#); [Godfrey, 2011](#); [Voss & Langley-Hobbs, 2009](#)). Produtos comerciais como ArthroTabs[®], Cosequin[®] e Synoquin[®] são comumente utilizados na rotina clínica, com boa aceitação pelos tutores e pelos animais.

Terapias injetáveis

Entre os tratamentos injetáveis, o polissulfato de pentosano tem sido utilizado com resultados promissores em felinos, apesar de sua indicação ainda ser mais estabelecida para cães. Atua como condroprotetor, anti-inflamatório leve e modificador de matriz cartilaginosa ([Monteiro & Lascelles, 2017a, 2017c, 2017b](#)). Em casos selecionados, pode-se considerar o uso de infiltrações intra-articulares com ácido hialurônico ou corticosteroides, embora tais procedimentos exijam sedação ou anestesia e sejam ainda pouco realizados rotineiramente em felinos ([Voss & Langley-Hobbs, 2009](#)).

Terapias complementares

A fisioterapia veterinária tem papel importante na manutenção da função articular e no alívio da dor. Modalidades como laserterapia, eletroestimulação, exercícios passivos, alongamentos e hidroterapia têm sido progressivamente incorporadas ao manejo da DAD ([Monteiro & Lascelles, 2017a, 2017b, 2017c](#)). A acupuntura, por sua vez, tem sido descrita como benéfica na modulação da dor crônica em felinos, podendo ser associada ao tratamento convencional como estratégia complementar ([Epstein, 2015](#)).

Manejo ambiental e comportamental

Alterações no ambiente são fundamentais para o bem-estar do felino com DAD. Rampas de acesso, superfícies macias, caixas de areia com bordas baixas, camas elevadas e escadas de acesso são medidas simples que podem minimizar o impacto da limitação articular ([Sparkes et al., 2010](#)). Além disso, a redução do estresse ambiental e o enriquecimento do ambiente contribuem para a melhora do estado geral do paciente, favorecendo o manejo da dor e do comportamento ([Clarke & Bennett, 2006](#)).

Controle nutricional e perda de peso

O controle de peso é um dos fatores mais importantes no manejo da DAD. A obesidade aumenta a sobrecarga articular, piora a inflamação local e dificulta a mobilidade do paciente. Portanto, a implementação de dieta hipocalórica supervisionada, aliada ao estímulo à atividade física moderada, é essencial em gatos com sobrepeso ou obesidade ([Bennett et al., 2012b](#); [Monteiro & Lascelles, 2017b, 2017c](#)).

Uso de canabinoides no manejo de felinos

Os canabinoides, como o canabidiol (CBD), têm sido estudados como opções terapêuticas no controle da dor crônica e da inflamação em diferentes espécies, incluindo os gatos. O CBD age modulando os receptores CB1 e CB2 do sistema endocanabinoide, que desempenham papel relevante na regulação da dor, inflamação e resposta imunológica ([Lascelles & Gruen, 2018](#)).

Embora os estudos clínicos em felinos ainda sejam limitados, pesquisas com cães com osteoartrite evidenciaram melhora na mobilidade e redução significativa da dor com o uso do CBD, o que sugere um potencial promissor também para os gatos ([Neves et al., 2022](#)). Sua ação analgésica e anti-inflamatória pode ser especialmente útil em pacientes com contraindicação ao uso de AINEs ou com resposta insuficiente às terapias convencionais ([Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b](#)). Entretanto, a farmacocinética do CBD em gatos ainda não está completamente elucidada. Os dados disponíveis sobre segurança, biodisponibilidade e posologia são escassos. Doses entre 1 e 2 mg/kg têm sido relatadas com boa tolerância; porém, efeitos adversos como letargia, vômito, ataxia e alterações hepáticas foram descritos em alguns casos ([Kogan & Sexton, 2020](#); [Wallace et al., 2020](#)). O uso clínico deve ser feito com formulações veterinárias padronizadas, respeitando a regulamentação vigente no país quanto ao uso de derivados da cannabis. O acompanhamento veterinário contínuo e individualizado é essencial para garantir segurança e eficácia.

Uso de frunvetmabes (Solensia®) no manejo da DAD felina

O frunvetmabe, comercializado como solensia®, é um anticorpo monoclonal felino anti-NGF (nerve growth factor) aprovado recentemente para o controle da dor associada à osteoartrite (OA) em gatos ([Storrier et al., 2023](#)). Seu uso representa um avanço terapêutico significativo, sobretudo em pacientes com contraindicações ao uso prolongado de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), o que é comum na medicina felina ([Gruen et al., 2022](#)).

O NGF é uma proteína-chave na mediação da dor crônica e da inflamação articular, sendo responsável por sensibilizar terminações nervosas e perpetuar o estímulo doloroso. O frunvetmab atua ligando-se seletivamente ao NGF circulante, bloqueando sua interação com os receptores do tipo TrkA nas terminações nervosas, o que inibe a cascata de sinalização dolorosa ([Gruen et al., 2021](#)). A administração é subcutânea, com dose mensal de 1 a 2 mg/kg, sem necessidade de ajuste para pacientes com disfunções hepáticas ou renais. Isso torna o tratamento seguro inclusive para animais geriátricos ou com comorbidades ([Gruen et al., 2021](#); [Storrier et al., 2023](#)). Estudos clínicos demonstraram melhora significativa na mobilidade, conforto e comportamento de gatos com DAD tratados com frunvetmab, com resposta observada entre seis a sete dias após a aplicação ([Gruen et al., 2021](#)).

Os efeitos colaterais são raros e geralmente leves, como reações locais ou sinais inespecíficos transitórios. O frunvetmab pode ser utilizado isoladamente ou em conjunto com outras estratégias como condroprotetores, fisioterapia, controle nutricional e modificações ambientais ([Storrier et al., 2023](#)). Dessa forma, o solensia® destaca-se como uma opção moderna, eficaz e segura no manejo multimodal da DAD felina, ampliando o leque de possibilidades para o controle da dor crônica nessa espécie.

Considerações finais sobre o tratamento

Diante da multiplicidade de abordagens terapêuticas disponíveis para o manejo da DAD em felinos, torna-se evidente que não há um protocolo único ou universalmente eficaz. O tratamento deve ser individualizado, considerando o grau de acometimento articular, a idade do paciente, as comorbidades, o comportamento e a resposta clínica ao longo do tempo ([Epstein, 2015](#); [Monteiro & Troncy, 2017a, 2017b](#)).

A combinação de analgésicos, condroprotetores, terapias injetáveis, fisioterapia, acupuntura, manejo ambiental, controle nutricional e uso criterioso de canabinoides representa um modelo multimodal e dinâmico de abordagem, que deve ser constantemente ajustado para atingir o controle efetivo da dor e a melhora funcional ([Mathews et al., 2015](#); [Sparkes, 2011](#); [Sparkes et al., 2010](#)).

Inovações recentes, como o uso de anticorpos monoclonais anti-NGF, exemplificados pelo frunevetmab (solensia®), vêm ampliando as opções terapêuticas com bons resultados em estudos clínicos, sendo uma alternativa segura e promissora para o manejo da dor crônica felina ([Lascelles & Gruen, 2018](#); [Storrier et al., 2023](#)).

Novas perspectivas e pesquisas futuras

A medicina veterinária felina tem avançado significativamente na abordagem da DAD. Estudos recentes vêm explorando o uso de terapias regenerativas, como células-tronco e plasma rico em plaquetas (PRP), embora ainda com aplicação restrita e em caráter experimental em felinos ([Bianchi et al., 2012](#); [Malard et al., 2020](#); [Soares & Sousa, 2022](#); [Souza et al., 2003](#)).

Outra vertente promissora é o uso de tecnologias digitais para avaliar padrões de movimentação, com o objetivo de identificar precocemente alterações articulares pela inteligência artificial, monitoramento por vídeo e sensores de atividade ([Lascelles & Gruen, 2018](#)).

O aprofundamento na farmacocinética do canabidiol (CBD) em gatos também é uma prioridade atual, visando definir protocolos seguros e eficazes. Estudos preliminares indicam que o CBD pode apresentar efeitos anti-inflamatórios e analgésicos úteis no controle da dor crônica em felinos, embora ainda sejam necessários mais estudos clínicos ([Costa et al., 2024](#); [Gutierrez et al., 2023](#); [Kulpa et al., 2021](#); [Silva et al., 2020](#); [Sousa et al., 2023](#)). Assim, espera-se que novas abordagens continuem surgindo, promovendo não apenas alívio da dor, mas também estratégias de prevenção e regeneração articular.

Conclusão

A Doença Articular Degenerativa (DAD) em felinos constitui um desafio diagnóstico na prática clínica devido à apresentação clínica sutil e à tendência dos gatos em mascarar sinais de dor. O caso clínico apresentado evidencia a importância da atenção a alterações comportamentais discretas, muitas vezes subestimadas ou atribuídas ao envelhecimento ou temperamento do animal.

A integração de uma anamnese detalhada, exame físico criterioso, exames de imagem e monitoramento comportamental possibilitou o diagnóstico precoce da DAD em uma paciente jovem e não geriátrica, reforçando que a doença não é exclusiva de felinos idosos. O sucesso do tratamento multimodal, com o uso de analgésicos, condroprotetores, anti-inflamatórios e adaptações ambientais, destaca a necessidade de planos terapêuticos individualizados e dinâmicos.

Este relato contribui para a ampliação da consciência clínica sobre a DAD em gatos, incentivando o reconhecimento precoce da doença em diferentes faixas etárias. Ressalta-se também o papel fundamental da observação comportamental e da relação tutor-animal na identificação dos sinais de dor, elementos essenciais para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes. Por fim, evidencia-se a importância de estratégias que auxiliem na detecção precoce da DAD, como questionários específicos e monitoramento ambiental, que possibilitam intervenções oportunas e eficazes.

Agradecimentos

Agradeço, à minha gata Floquinho, que, além de ser uma companheira incrível, inspirou e deu sentido a este estudo. Sou profundamente grata aos meus pais e ao meu namorado pelo apoio constante ao longo da minha jornada na Medicina Veterinária. Dedico este trabalho, com o coração cheio de amor, aos meus cinco animais: Kiara, Floquinho, Aurora, Laura e Alex. Vocês são minha motivação diária, o reflexo da minha vocação e a razão do meu amor incondicional por esta profissão.

Referências bibliográficas

Bennett, D., Ariffin, S. M. Z., & Johnston, P. (2012a). Osteoarthritis in the cat: 1. How common is it and how easy to recognise? *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 14(1). <https://doi.org/10.1177/1098612X11432828>.

- Bennett, D., Ariffin, S. M. Z., & Johnston, P. (2012b). Osteoarthritis in the cat: 2. How should it be managed and treated? *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 14(1). <https://doi.org/10.1177/1098612X11432829>.
- Bennett, S. (2012). Cognitive dysfunction in dogs: Pathologic neurodegeneration or just growing older? *Veterinary Journal*, 194(2), 141–142. <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2012.05.009>.
- Bianchi, J. V. S., Azevedo, M. A. R., Jens, E., Nukui, Y., & Chamone, D. A. F. (2012). Frequência dos antígenos plaquetários humanos (HPA) em pacientes trombocitopênicos e predisposição à incompatibilidade transfusional. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*, 34, 202–205. <https://doi.org/10.5581/1516-8484.20120050>.
- Clarke, S. P., & Bennett, D. (2006). Feline osteoarthritis: A prospective study of 28 cases. *Journal of Small Animal Practice*, 47(8). <https://doi.org/10.1111/j.1748-5827.2006.00143.x>
- Clarke, S. P., Mellor, D., Clements, D. N., Gemmill, T., Farrell, M., Carmicheal, S., & Bennett, D. (2005). Prevalence of radiographic signs of degenerative joint disease in a hospital population of cats. *Veterinary Record*, 157(25), 793–799. <https://doi.org/10.1136/vr.157.25.793>.
- Costa, A. T., Silva, A., Tavares, H., Machado, L., & Pereira, R. (2024). Levantamento do uso terapêutico do canabidiol por veterinários na região metropolitana de Belém do Pará. *PUBVET*, 18(04), e1582. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n04e1582>.
- Cruz, N. F. R. (2023). *Aplicação de células-tronco como terapia na osteoartrite e displasia coxofemoral canina: revisão de literatura*. Centro Universitário Presidente Amato Antônio Carlos.
- Epstein, M. E. (2015). AAHA/AAFP pain management guidelines for dogs and cats. *Journal of Feline Medicine and Surgery*.
- Evangelista, M. C., Watanabe, R., Leung, V. S. Y., Monteiro, B. P., O’Toole, E., Pang, D. S. J., & Steagall, P. V. (2019). Facial expressions of pain in cats: the development and validation of a Feline Grimace Scale. *Scientific Reports*, 9(1), 1–11. <https://doi.org/10.1038/s41598-019-55693-8>.
- Gaynor, J. S., & Muir, W. W. (2009). *Manual de controle da dor em medicina veterinária* (Vol. 1). MedVet.
- Godfrey, D. (2011). Diagnosis and management of osteoarthritis in cats. *In Practice*, 33(8). <https://doi.org/10.1136/inp.d5347>.
- Gruen, M. E., Lascelles, B. D. X., Colleran, E., Gottlieb, A., Johnson, J., Lotsikas, P., Marcellin-Little, D., & Wright, B. (2022). 2022 AAHA pain management guidelines for dogs and cats. *Journal of the American Animal Hospital Association*, 58(2), 55–76. <https://doi.org/10.5326/jaaha-ms-7292>.
- Gruen, M. E., Myers, J. A. E., Lascelles, B., & Duncan X. (2021). Efficacy and safety of an anti-nerve growth factor antibody (frunevetmab) for the treatment of degenerative joint disease-associated chronic pain in cats: A multisite pilot field study. *Frontiers in Veterinary Science*, 8. <https://doi.org/10.3389/fvets.2021.610028>.
- Gutierrez, E., Crosignani, N., García-Carnelli, C., Mateo, A., & Recchi, L. (2023). A case report of CBD and THC as analgesic therapy in a cat with chronic osteoarthritic pain. *Veterinary Medicine and Science*, 9(3), 1021–1025. <https://doi.org/10.1002/vms3.1057>.
- Hardie, E. M., Roe, S. C., & Martin, F. R. (2002). Radiographic evidence of degenerative joint disease in geriatric cats: 100 cases (1934-1997). *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 220(5), 628–632. <https://doi.org/10.2460/javma.2002.220.628>.
- Kogan, M., & Sexton, M. (2020). Medical cannabis: A new old tool for palliative care. *Journal of Alternative and Complementary Medicine*, 26(9). <https://doi.org/10.1089/acm.2019.0184>.
- Kulpa, J. E., Paulionis, L. J., Eglit, G. M. L., & Vaughn, D. M. (2021). Safety and tolerability of escalating cannabinoid doses in healthy cats. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 23(12), 1162–1175. <https://doi.org/10.1177/1098612X211004215>.
- Lascelles, B. D. X., & Gruen, M. R. (2018). Feline degenerative joint disease: reaching for better control of pain. *Veterinary Clinics of North America. Small Animal Practice*, 48(5), 911–927.
- Lascelles, B. D. X., & Robertson, S. A. (2010). DJD-Associated pain in cats. What can we do to promote patient comfort? *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 12(3). <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2010.01.003>.

- Malard, P. F., Peixer, M. A. S., Santana, L. R., Dallago, B. S. L., Milistetd, M., Queiroz, L. M., & Brunel, H. S. S. (2020). Avaliação da terapia com células tronco mesenquimais halógenas em doença renal crônica de cães e gatos. *PUBVET*, *14*(11), 1–8. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v14n11a700.1-8>.
- Mathews, K., Kronen, P. W., Lascelles, D., Nolan, A., Robertson, S., Steagall, P. V., Wright, B., & Yamashita, K. (2015). Guidelines for recognition, assessment and treatment of pain. *The Veterinary Nurse*, *6*(3). <https://doi.org/10.12968/vetn.2015.6.3.164>
- Mele, E. (2007). Epidemiologia da osteoartrite. *Veterinary Focus*, *17*(3), 4–10.
- Monteiro, B. O., & Lascelles, B. D. X. (2017a). Analgesia multimodal na dor crônica em gatos. *Veterinary Clinics of North America. Small Animal Practice*, *47*(6), 1197–1213.
- Monteiro, B. O., Lascelles, B. D. X., Murrell, J., Robertson, S., Steagall, P. V. M., & Wright, B. (2023). 2022 WSAVA guidelines for the recognition, assessment and treatment of pain. *Journal of Small Animal Practice*, *64*(4). <https://doi.org/10.1111/jsap.13566>
- Monteiro, B. O., & Lascelles, D. (2017b). Assessment and recognition of chronic (maladaptive) pain. In P. Steagall, S. Robertson, & P. Taylor (Eds.), *Feline Anesthesia and Pain Management* (pp. 241–255). <https://doi.org/10.1002/9781119167891.ch14>.
- Monteiro, B. O., & Lascelles, D. (2017c). Treatment of chronic (maladaptive) pain. *Feline Anesthesia and Pain Management*, 257–278.
- Monteiro, B. O., & Troncy, E. (2017a). Terapias analgésicas para dor crônica em felinos: do tradicional ao multimodal. *Pain Management in Veterinary Practice*, 241–258.
- Monteiro, B. O., & Troncy, E. (2017b). Treatment of chronic (maladaptive) pain. In Steagall P, S. Robertson, & P. Taylor (Eds.), *Feline Anesthesia and Pain Management* (1st ed., pp. 257–278). Wiley-Blackwell.
- Neves, M. E. P. S., Sousa, M. N. A., & Araújo, D. K. L. (2022). Medicamentos fitoterápicos no tratamento da osteoartrite. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, *15*(12). <https://doi.org/10.25248/reas.e11664.2022>.
- Silva, A. K., Janovik, N., & Oliveira, R. R. (2020). Canabidiol e seus efeitos terapêuticos. In A. Diehl & C. Pillon (Eds.), *Maconha: prevenção, tratamento e políticas públicas* (pp. 110–112). Artmed Editora.
- Soares, L., & Sousa, E. S. (2022). *Clonagem e células troncos: Inovações, perspectivas e desafios*. <https://doi.org/10.51189/conbiotec/6220>
- Sousa, L. T. N., Daibert, A. P., & Dias, A. P. N. (2023). Canabidiol para o controle da dor em pequenos animais: Revisão. *PUBVET*, *17*(11), e1477. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v17n11e1477>.
- Souza, V. F., Lima, L. M. C., Reis, S. R. A., Ramalho, L. M. P., & Santos, J. N. (2003). Células-tronco: uma breve revisão. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, *2*(2), 251–256. <https://doi.org/10.9771/cmbio.v2i2.4292>.
- Sparkes, A. (2011). Osteoarthritis. In G. D. Norsworthy (Ed.), *The feline patients* (4th ed.). Blackwell Publishing Ltd.
- Sparkes, A. H., Heiene, R., Lascelles, B., Duncan X., Malik, R., Sampietro, L. R., Robertson, S., Scherk, M., & Taylor, P. (2010). ISFM and AAFP consensus guidelines. Long-term use of NSAIDs in cats. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *12*(7), 521–538. <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2010.05.004>.
- Storrer, A., Mackie, J. T., Gunew, M. N., & Aslan, J. (2023). Cutaneous lesions and clinical outcomes in five cats after frunevetmab injections. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *25*(11). <https://doi.org/10.1177/1098612X231198416>.
- Vogt, A. H., Rodan, I., Brown, M., Brown, S., Buffington, C. A. T., Forman, M. J. L., Neilson, J., & Sparkes, A. (2010). AAFCP-AAHA: feline life stage guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *12*, 43–54.
- Voss, K., & Langley-Hobbs, S. J. (2009). Diseases of joints. In P. M. Montavan & S. J. Langley-Hobbs (Eds.), *Feline Orthopedic Surgery and Musculoskeletal Disease* (1st ed., Vol. 1, pp. 61–74). Saunders Elsevier.

Wallace, J. E., Kogan, L. R., Carr, E. C. J., & Hellyer, P. W. (2020). Motivations and expectations for using cannabis products to treat pain in humans and dogs: a mixed methods study. *Journal of Cannabis Research*, 2(1), 1–12.

Histórico do artigo:

Recebido: 6 de junho de 2025

Aprovado: 1 de julho de 2025

Licenciamento: Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.